

## Conflito chega a momento decisivo

*André Lachini e Renan Carreira*

A possível perda de Aleppo, maior cidade da Síria com 2,5 milhões de habitantes, seria um golpe mortal para o governo do presidente Bashar Assad, dizem especialistas em relações internacionais entrevistados pela Agência Estado. Nos últimos dias de julho, dezenas de milhares de soldados do governo começaram a sitiá-la e tentar a conquista de bairros sob controle dos insurgentes, que reuniram pelo menos 15 mil combatentes em Aleppo. A Organização das Nações Unidas (ONU) informou que 200 mil moradores civis fugiram de Aleppo, parte para a Turquia, a apenas 50 quilômetros da metrópole síria.

*Arquivo*



*Rebeldes posam em cima de tanque do exército, incendiado durante batalha nos arredores de Aleppo*

"Se Assad perder Aleppo, a situação do regime sírio fica insustentável. Será um golpe enorme para o governo", diz o professor de relações internacionais Murched Taha, do Instituto de Cultura Árabe (ICA) em São Paulo. "Sessenta por cento de Aleppo está nas mãos do Exército Livre da Síria. Os insurgentes abriram um corredor de 50 quilômetros ligando a cidade à fronteira turca, por onde agora chegam armas sem problemas", explica Taha. No dia 1º de agosto Assad fez um discurso e disse que os soldados enfrentam no momento uma batalha "crucial e heroica". Ele não citou Aleppo, mas se referia à cidade.

Para o analista de Oriente Médio do Eurasia Group, Ayham Kamel, o regime de Bashar Assad vai enfrentar forte resistência em Aleppo, mas, como tem capacidade militar, deve retomar o controle da cidade nas próximas duas semanas. Para Kamel, caso Assad perca o controle de Aleppo, ficará claro que o presidente não detém mais o poder efetivo e terá de lidar com mais deserções e buscar uma nova estratégia.

A queda de Aleppo significaria uma "grande derrota" para o governo sírio, mas não o final do regime de Bashar Assad, diz o professor de Relações Internacionais Heni Ozi Cukier, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Heni diz que Assad ainda contará com apoio na sua comunidade alauita, que forma 12% da população síria e vive no litoral, perto das cidades de Tartus e Latakia. Ozi Cukier acredita que o governante poderá fugir com seus seguidores para o litoral do Mediterrâneo e tentar "refundar" o Estado Alauita da Síria, um dos cinco que

formaram o que hoje, em grande parte, é a Síria, durante o período colonial francês entre 1920 e 1936.

"Assad pode fugir para o litoral e tentar criar um Estado autônomo com apoio russo. Mas isso será muito difícil. A solução, de qualquer maneira, passa pela Rússia e pela China", disse o professor de relações internacionais Gilberto Rodrigues, da Faculdade Santa Marcelina. Rodrigues diz que os insurgentes sírios agora recebem armas do Catar e da Arábia Saudita sem restrições e estão muito mais armados na guerra.

Ele diz que a carnificina parece ter piorado nas últimas semanas. Além do governo prosseguir nos ataques indiscriminados, que muitas vezes matam civis inocentes, também os rebeldes sírios, quase todos muçulmanos sunitas, estão aplicando a sharia (lei islâmica) e executam prisioneiros. "Isto é ilegal".

Rodrigues também não dá como certa a queda de Aleppo. "Em julho, Assad perdeu o controle dos subúrbios de Damasco mas retomou tudo em duas semanas. Se não houver nenhuma deserção grave, o governo de Assad poderá se manter por mais tempo", diz. "Se Aleppo cair, a deserção dos soldados sunitas se acelerará. Existe também a chance de os sunitas da elite, que apoiam Assad, abandonarem o regime", diz Ozi Cukier. Os muçulmanos sunitas formam 76% da população síria. Uma minoria dentre eles, formada pelos comerciantes, apoia Assad. Ozi Cukier disse que os cenários podem ser diferentes se Assad for assassinado ou se sobreviver mas perder o poder e tiver de fugir com seus partidários para o litoral. "Se ele cair mas não for morto, recuará para a costa, o antigo Estado Alauita da Síria. Lá ele terá o apoio da base naval russa de Tartus. Ele poderá refundar o Estado Alauita na costa", acredita Ozi Cukier.

### **Crescem rumores sobre plano para matar presidente**

Rumores sobre uma conspiração para assassinar Assad cresceram nos últimos dias. No dia 18 de julho, uma bomba explodiu numa sala na sede do prédio da segurança nacional em Damasco, matando quatro líderes militares de destaque: o chefe da Segurança Nacional, general Hisham Ikhtiyar; o general Assef Shawkat, vice-ministro da Defesa e cunhado de Assad; o general Dawoud Rajha, ministro da Defesa; e o general Hassan Turkmani, ex-ministro da Defesa.

"Dizem que o atentado que matou os quatro generais foi maquinado pelo próprio Assad, que temia uma conspiração dos quatro. Ninguém consegue entrar em uma sala pequena, em um edifício muito fortificado, colocar uma bomba e matar a cúpula do regime", diz Taha. Ele ressalta, contudo, que essa "é uma versão sobre o que aconteceu, ainda não sabemos o que aconteceu na realidade".

No caso da queda com sobrevivência física de Assad, o cenário pode ser de desintegração territorial da Síria. Além dos alauitas, os drusos sírios, que formam apenas 3% da população, poderiam tentar a refundação do seu Estado, que existiu até 1936.

**Fonte: Tribuna do Norte. [Portal]. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/conflito-chega-a-momento-decisivo/227919>>. Acesso em: 6 ago. 2012.**